

# *A Oportunista*



TARRYN FISHER

# *A Oportunista*

TRADUÇÃO  
FÁBIO ALBERTI



**COPYRIGHT © 2012 BY TARRYN FISHER**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **PATRICIA CALHEIROS**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **COKA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fisher, Tarryn

A oportunista / Tarryn Fisher ; tradução Fábio Alberti. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016.

Título original: The opportunist.

ISBN 978-85-62409-61-5

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-10660

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

*A um coração partido*





## CAPÍTULO 1

# Presente



**EU SOU OLIVIA KASPEN, E QUANDO AMO ALGUMA COISA** eu a arranco de minha vida. Isso não é intencional... Pelo menos, não totalmente. Eu vejo uma dessas coisas neste momento, um sobrevivente do meu amor cáustico e doentio. Ele está a cem metros de mim, conferindo velhos discos.

Caleb. O nome dele invade minha cabeça como uma lâmina, abrindo feridas que já haviam cicatrizado. Meu coração tenta lutar contra esse processo e tudo que consigo fazer é ficar parada, observando-o. Já se passaram três anos desde a última vez que eu o vi. Suas palavras de despedida para mim foram um aviso para que eu ficasse longe dele. Respiro fundo, enchendo meus pulmões de ar úmido, e faço um esforço para controlar minhas emoções turbulentas.

Eu quero ir até ele. Quero ver o ódio surgindo em seus olhos. Mas que idiotice. Começo a me afastar, e quando estou quase atravessando a rua em direção ao meu carro, meus pés vacilam. O arrepio traiçoeiro da agitação me faz cerrar os punhos com força. Volto para perto da vitrine. Esse é o meu lado da cidade... Como ele se atreve a dar as caras *por aqui*?

Sua cabeça está inclinada sobre uma caixa de papelão cheia de CDs, e quando ele se vira para olhar alguma coisa ao seu lado, vejo de relance seu nariz peculiar. Meu coração estremece. Eu ainda amo esse cara. Essa constatação me espanta. Pensei que tivesse superado isso. Pensei que

pudesse lidar com algo assim — um esbarrão, um encontro ao acaso. Eu fiz terapia e tive três anos para...

Esquecê-lo.

Mais uma culpa em minha consciência.



Depois de vasculhar minhas emoções por mais alguns segundos, dou as costas para a loja de música e para Caleb. Não posso fazer isso. Não posso retornar ao mesmo tormento. Quando vou descer o meio-fio, as nuvens que ameaçaram Miami durante uma semana rugem como encanamento antigo. Mal consigo dar dois passos antes que a chuva comece a cair sobre a calçada, emsopando minha camisa branca. Volto rapidamente e busco abrigo debaixo do toldo da loja. Olho para meu velho Fusca através da chuva forte; uma rápida corrida e eu estaria a caminho de casa. Escuto a voz de um estranho no instante em que eu vou partir, interrompendo meu movimento. Eu hesito, sem saber ao certo se ele está falando comigo.

— O céu está vermelho, e isso é um mau sinal.

Viro-me para onde veio a voz e me deparo com um homem parado logo atrás de mim. Ele está mais perto do que se consideraria aceitável do ponto de vista social. Deixo escapar da garganta um ruído que mostra minha surpresa e recuo um passo. O estranho é pelo menos trinta centímetros mais alto que eu e bastante musculoso, embora isso não o torne atraente. Ele mantém suas mãos em uma posição curiosa, com os dedos esticados e afastados entre si. Meus olhos são atraídos por uma mancha que parece um alvo no meio de sua testa.

— Quê? — Balanço a cabeça, confusa. Tento olhar por sobre o ombro dele, a fim de avistar Caleb. *Ele ainda está aqui? Será que devo ir embora?*

— É uma velha superstição de marinheiro. — O estranho encolhe os ombros.

Abaixo meus olhos até o rosto dele, que parece vagamente familiar, e, enquanto eu considero a possibilidade de dizer-lhe para sumir da minha frente, fico me perguntando onde já o havia visto antes.



— Tenho um guarda-chuva. — Ele exhibe um objeto com motivos florais e cabo de plástico em forma de flor. — Posso acompanhar você até seu carro.

Olho para o céu, que realmente parece de um vermelho intenso, e estremeço. Quero que o homem me deixe em paz e estou quase dizendo isso a ele, mas então eu penso — *E se isso for um sinal? O céu está vermelho. Mas que droga, era só o que me faltava!*

Avalio o esmalte lascado no dedão do meu pé e considero sua oferta. Não sou dada a presságios, mas ele tem uma maneira de me manter seca.

— Não, obrigada — respondo. Viro com rapidez a cabeça na direção da loja atrás de mim, deixando claro que já havia tomado uma decisão.

— Tudo bem. Vem aí uma tempestade, mas você é quem sabe. — Ele encolhe os ombros mais uma vez e sai sob a chuva, sem abrir o guarda-chuva.

Eu o observo enquanto ele se afasta. Suas costas largas se curvam contra o aguaceiro como uma cobertura para o resto do corpo. Ele é de fato enorme. Em segundos ele é encoberto pela chuva torrencial e eu já não consigo mais vê-lo. Eu o conheço de algum lugar, mas com certeza me lembraria de um sujeito tão grande se já o tivesse encontrado antes. Volto para a loja de música. Na placa sobre a porta se lê o nome *Music Mushroom*, escrito em letras luminosas. Disfarçadamente, procuro os corredores que levam até Caleb. Ele está bem onde eu o vira pela última vez, com a cabeça inclinada sobre o que parecia ser a seção de reggae. Mesmo de onde estou, eu posso perceber uma pequena marca em sua sobrancelha.

*Ele não consegue tomar uma decisão.* Eu percebo o que estou fazendo e fico envergonhada. Eu não o conheço mais. Não posso tecer suposições sobre o que ele está pensando.

Desejo que ele levante a cabeça e me veja, mas isso não acontece. Como não pretendo mais espiar sob os toldos do lado de fora, como uma criatura das sombras, eu reúno coragem, recomponho-me e passo pela porta. Fico gelada e estremeço quando o ar condicionado do lugar entra em contato com minha pele úmida. À esquerda, vejo uma estante alta que abriga vários objetos, entro atrás dela e pego meu pó compacto para retocar a maquiagem.

Enquanto espiono Caleb através das prateleiras da estante, uso os dedos para remover vestígios de rímel sob meus olhos. Tenho de fazer parecer que encontrei Caleb em meu caminho por acaso.

Diante de mim há um *bong* com a forma da cabeça de Bob Marley. Olho dentro dos olhos cristalinos de Bob e ensaio uma expressão de surpresa. Saber que eu posso descer tão baixo me deixa indignada. Beliscando minhas bochechas para deixá-las rosadas, saio de meu esconderijo.

E acontece tudo o que não podia acontecer.

Os saltos dos meus sapatos batem no piso, estalando ruidosamente à medida que me aproximo de Caleb. Talvez fizesse menos barulho se eu tivesse contratado alguém para anunciar minha chegada com uma trombeta. Para minha surpresa, ele não olha para cima. Um estalo escapa do ar condicionado quando estou a apenas alguns metros de distância dele. Alguém havia amarrado fitas verdes na saída de ar. Quando elas começam a dançar, sinto um cheiro conhecido. O cheiro de Caleb: hortelãs e laranjas.

Estou perto o bastante para ver a cicatriz que contorna com gentileza seu olho direito — aquela que eu costumava acariciar com o dedo. Sua presença em qualquer lugar parece causar impacto físico. Para confirmar isso, vejo mulheres — velhas e jovens — lançando-lhe olhares, inclinando-se na direção dele. O mundo inteiro se curva diante de Caleb Drake e ele permanece encantadoramente alheio a isso. É algo desagradável de se testemunhar.

Com cuidado, eu me aproximo dele e procuro um CD. Sem se dar conta de minha presença, Caleb se abaixa enquanto confere os nomes dos artistas por ordem alfabética. Acompanho seus movimentos, e quando estou atrás dele, seu corpo se volta em minha direção. Eu fico paralisada e, por um breve instante, sinto vontade de sair correndo. Finco os saltos no chão e observo enquanto ele examina meu rosto como se nunca tivesse me visto antes. Começo a apertar o objeto quadrado de plástico em minha mão. E, então, depois de três longos anos, eu escuto sua voz.

— Eles são bons?

Sinto um abalo percorrer meu corpo da cabeça aos pés e atingir meu estômago como chumbo.

Ele ainda fala com o leve sotaque britânico de que eu me lembro, mas não há resquício da aspereza que eu esperava ouvir. Alguma coisa está errada.

— Hummm...

Ele volta sua atenção para mim e seus olhos examinam minhas feições como se as vissem pela primeira vez.

— O que disse? Desculpe-me, eu não entendi.

*Merda, merda, merda!*

— Hã... Eles são legais — respondo, enfiando o CD de volta em sua prateleira.

Ficamos em silêncio por um longo momento. Chego à conclusão de que ele está esperando que eu diga algo.

— Esse não é exatamente o seu tipo de música.

Ele parece confuso.

— Não é meu tipo de música?

Faço que sim com a cabeça.

— E qual tipo você acredita que seja o meu? — Ele me olha com expressão risonha e sua boca se curva num leve sorriso.

Examino seu rosto com atenção, buscando alguma dica para entender o jogo que ele está fazendo. Caleb sempre foi muito bom com expressões faciais; sempre exibia a expressão certa no momento certo. Ele parece tranquilo e pouco interessado em minha resposta. Eu lhe respondo com naturalidade:

— Bem, o seu estilo musical é mais o rock clássico... Mas eu posso estar enganada. As pessoas mudam.

— Rock clássico? — ele repete, olhando para os meus lábios.

Sinto um estremecimento involuntário ao recordar que ele olhava para os meus lábios desse mesmo jeito no passado. Não foi com esse olhar que tudo havia começado?

— Desculpe-me — ele diz, desviando o olhar para o chão. — Isso é embaraçoso, mas eu... hum... eu não sei qual é o meu estilo. Não lembro de nada a esse respeito.

Fico boquiaberta diante dessa resposta. Seria algum tipo de brincadeira de mau gosto, uma tentativa de se vingar de mim?

— Você não se lembra? Mas como é possível que não se lembre?

Caleb passa a mão pela nuca e esse movimento faz com que os músculos de seu braço se contraíam.

— Perdi a memória em um acidente. Sei que isso parece meio batido. Mas a verdade é esta: acho melhor avisar que eu não tenho ideia do que gosto ou do que gostava. Sinto muito. Não sei por que estou lhe dizendo isso.

Caleb se volta para ir embora, provavelmente porque a expressão de choque em meu rosto é tão clara que isso o deixa constrangido. Parece que meu cérebro foi transformado em purê de batatas. Nada faz sentido. Nada se encaixa. Caleb não sabe quem eu sou. *Caleb não sabe quem eu sou!* Cada passo que ele dá em direção à porta me deixa mais desesperada. Em algum lugar em minha cabeça eu ouço uma voz gritar: “*Faça-o parar!*”

— Espere — eu digo com a voz fraca. — Espere... *espere!* — Dessa vez eu grito e várias pessoas se voltam para mim surpresas. Eu as ignoro e me concentro em fazer Caleb voltar. Ele está quase alcançando a porta de saída quando se vira para me encarar. Pense rápido. *Pense rápido!* Levanto a mão para indicar que me espere no lugar onde está e saio apressada rumo à seção de rock clássico. Em menos de um minuto consigo achar o CD que costumava ser o favorito de Caleb. Volto com o objeto apertado nas mãos e paro perto de onde ele está.

— Você vai gostar deste — digo, atirando-lhe o CD. Meu arremesso não é dos melhores, mas ele pega o disco com elegância e sorri com certa tristeza.

Observo-o enquanto ele caminha até a caixa registradora, assina o recibo de seu cartão de crédito e então cai fora, desaparecendo mais uma vez de minha vida.

“*Olá! Adeus.*”



Por que eu não disse a ele quem sou? Agora é tarde demais; o momento de agir com sinceridade já passou. Fico ali olhando fixamente para o ponto em que ele havia sumido, o coração batendo muito devagar em meu peito, como se eu tentasse processar o que havia acontecido. Ele me esqueceu.

## CAPÍTULO 2



NA ÉPOCA EM QUE EU CURSAVA A QUINTA SÉRIE, ASSISTI na tv a um filme sobre investigação criminal. O detetive, por quem eu nutria uma paixonite, chamava-se Follagyn Beville. Havia um “Jack, o Estripador” dos tempos modernos atacando prostitutas. Follagyn o caçava sem trégua. Ele interrogou uma prostituta de aparência lamentável, que exibia um cabelo loiro viscoso e as raízes escuras. Ela estava encolhida numa poltrona cor de mostarda e seus lábios sugavam um cigarro avidamente. *Uau, que atriz incrível!*, lembro-me de ter pensado na ocasião. *Ela merecia um Emmy por dar vida a um personagem tão patético!* A mulher tinha um copo de uísque na mão e tomava pequenos e rápidos goles da bebida. Eu observava seus movimentos, ávida por drama, e memorizava todas as coisas que ela fazia. Mais tarde, naquela mesma noite, eu enchi um copo com gelo e Pepsi. Colocava meu drinque sobre o peitoril da janela e levava um cigarro imaginário até meus lábios.

— Ninguém me dá ouvidos — eu sussurrava, embaçando com meu hálito o vidro do copo. — Este mundo é frio... muito frio. — E eu tomava um gole do refrigerante depois de sacudir o gelo.

Uma década e meia se passou desde então e o meu apego ao drama permanece. No dia seguinte ao de meu encontro com Caleb, o furacão

Phoebe arrasou a cidade; assim, não precisei telefonar para o meu trabalho a fim de avisar que estava doente. Estou na cama, com o corpo arqueado possessivamente em torno de uma garrafa de vodca.

Por volta de meio-dia, rolo para fora do colchão e me arrasto até o banheiro. Ainda há eletricidade, apesar do furacão de categoria três que castiga minhas janelas. Já me dou por satisfeita por conseguir encher a banheira com água quente. Enquanto me acomodo dentro da água fumegante, recordo-me, pela milésima vez, de tudo o que havia acontecido. E tudo termina com o mesmo pensamento: *ele me esqueceu*.

Pickles, minha cachorrinha da raça pug, senta-se no tapete do banheiro e me observa com atenção. Ela é tão feia que me faz sorrir.

— Caleb, Caleb, Caleb — digo em voz alta para ter certeza de que ainda soa da mesma maneira.

Ele tinha o estranho hábito de inverter o nome das pessoas quando os escutava pela primeira vez. Eu era Aivilo e ele era Belac. Eu achava isso ridículo, mas, no final das contas, apanhei-me fazendo a mesma coisa. Tornou-se um código secreto que usávamos para fazer fofoca.

E agora ele nem se lembra de mim. Como você pode esquecer alguém que amou, mesmo que essa pessoa tenha despedaçado o seu coração? Derramo um pouco de vodca na água da banheira. E agora, como conseguirei tirar esse homem da minha cabeça? Eu poderia fazer da depressão o meu trabalho em tempo integral. É o que fazem os cantores de música country. Eu poderia ser uma cantora country. Canto a plenos pulmões alguns trechos de *Achy Breaky Heart* e bebo mais um gole.

Com o dedão, puxo a corrente da tampa da banheira e escuto a água descer pelo ralo. Visto-me e caminho penosamente até a geladeira. Em meu estômago não há mais nada a não ser bebida alcoólica barata. Meu suprimento emergencial de comida para ocasiões de furacão consiste de duas garrafas de molho para saladas, uma cebola e um pedaço de queijo cheddar endurecido. Pico o queijo e a cebola, os atiro dentro de uma vasilha e, então, derramo molho sem gordura por cima de tudo. Apanho o bule de café e ligo o aparelho de som. Dentro dele está o mesmo CD que dei a Caleb no Music Mushroom. Bebo um pouco mais de vodca.

Acordo no chão da cozinha com meu rosto em cima de uma poça de baba. Seguro na mão uma foto de Caleb que foi rasgada e depois colada

com fita adesiva. Eu me sinto ótima, embora minhas têmporas estejam latejando um pouco. Tomo uma decisão. A partir de hoje, vou começar tudo do zero. Vou esquecer o sujeito — qual é mesmo o nome dele? —, comprar alguma porcaria saudável para comer e seguir em frente com a droga da minha vida. Limpo minha bagunça de bêbada, parando um pouco para atirar no lixo o retrato rasgado e colado. Adeus, ontem. Agarro a bolsa e me dirijo ao mercado de produtos naturais mais próximo, em busca de comida saudável.

A primeira coisa que a loja de porcarias saudáveis me proporciona é uma lufada de cheiro de patchouli bem na minha cara. Eu franzo o nariz e seguro a respiração até passar pelo balcão de atendimento, onde uma garota da minha idade mascava chiclete, pensativa.

Apanho um carrinho e vou para a parte de trás do lugar; passo direto pelas embalagens do Limpador Astral Madame Deerwood (não funciona), pelo Olho de Salamandra e pelos sacos de Gotu Kola.

Pelo que eu sei esse é um mercado como qualquer outro, não um paraíso de mercadorias para todos os birutas que moram num raio de trinta quilômetros. Caleb e eu nunca havíamos entrado juntos nesse lugar, o que faz do Mecca Market um lugar sem lembranças para mim.

Coloco alguns bolinhos de algas e batatas chips no carrinho e rumo para a seção de sorvetes. Passo por uma mulher e a ouço dizer “sou uma *wicca* e vou levar uma vassoura”. Ela usa uma camiseta e não está calçando sapatos.

Desisto da seção de sorvetes. Eu estava tremendo de frio.

— Frio?

Eu me viro tão rápido que meu ombro se choca contra uma pilha de cones de waffle, derrubando-a. Observo horrorizada enquanto eles despencam no chão, espalhando-se para todos os lados — como os meus pensamentos.

*Caleb!*

Vejo-o recolher as embalagens uma por uma e juntá-las em sua mão livre. Ele sorri para mim e eu tenho a impressão de que acha a minha reação engraçada.

— Desculpe-me, eu não quis assustá-la.

Tão educado. E de novo aquele bendito sotaque...

— O que você está fazendo aqui? — As palavras saltaram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

Ele riu.

— Não estou seguindo você, eu juro. Na verdade, eu queria agradecer pela sugestão da música na loja, no outro dia. Gostei da sugestão. Para ser sincero, adorei!

As mãos dele estão nos bolsos e ele fica se levantando e se abaixando na ponta dos pés.

— Vinho — ele diz, girando com o dedo indicador o anel que usa no polegar. Ele costumava fazer isso quando estava nervoso.

Sem entender o que quis dizer, olho para ele com uma expressão de dúvida.

— Você me perguntou o que eu estou fazendo aqui — ele disse com calma, como se estivesse conversando com uma criança. — Minha namorada gosta de um vinho que eu só encontro aqui... orgânico. — A última palavra o fez rir.

*Namorada?* Meus olhos se semicerram. Como é que ele pode se lembrar dela e não de mim?

— Então — digo casualmente, abrindo um dos refrigeradores e pegando a primeira coisa que vejo —, você se lembra de sua namorada? — Tentei me mostrar indiferente, mas minha voz acabou soando sufocada, como se alguém estivesse me esganando.

— Não, não depois do acidente. Eu não me lembrava dela.

Essa resposta me faz sentir um pouco melhor.

No mesmo instante me recordo da primeira vez que direcionei meu infortúnio a essa mulher, três anos atrás, quando estava executando o ritual de espionagem pós-rompimento. Decidi que precisava ver quem tinha me substituído. Era mesmo uma maluquice, mas todos temos um pouco desse comportamento de perseguição.

Na ocasião, usei um extravagante chapéu vermelho que havia sido de minha avó. A aba do chapéu era ridiculamente larga e escondia meu rosto, o que combinava de maneira perfeita com minha personalidade melodramática. Levei Pickles comigo para me dar apoio.

A pequena moçreia atendia pelo nome de Leah Smith. Ela era tão rica quanto eu era pobre, tão feliz quanto eu era miserável, tão ruiva quanto



eu era morena. Caleb a conheceu em alguma festa elegante cerca de um ano depois que rompemos. Parece que eles se deram bem logo de cara, ou talvez ele tenha dado “algo mais” a ela logo de cara, eu não tenho certeza.

Leah trabalhava em um prédio de escritórios que ficava a dez minutos de meu apartamento. Quando parei meu carro em uma vaga no estacionamento do prédio, faltava uma hora para que ela terminasse seu turno. Aproveitei esse tempo livre para tentar me convencer de que meu comportamento era normal.

Leah saiu do edifício às seis e cinco da tarde, com uma bolsa Prada balançando alegremente em seu antebraço. Ela andava como uma mulher que sabia que o resto do mundo não tirava os olhos dos seus seios. Observei-a caminhar ao longo da calçada em seus sapatos de salto alto verdes enquanto eu estrangulava o volante do carro. Eu odiei seu cabelo ruivo longo que cobria suas costas em ricas curvas. Odiei o modo como ela se despedia de seus colegas movendo a ponta dos dedos. Odiei o fato de gostar dos sapatos dela.

Buscando respostas nos olhos de Caleb, e tentando manter minha mente longe do passado, eu lhe pergunto:

— Quer dizer então que vocês dois continuam juntos, embora você não saiba quem ela é?

Eu espero que ele reaja na defensiva, mas, em vez disso, ele sorri com malícia.

— Ela realmente passou por maus bocados quando tudo aconteceu e é uma grande garota que ficou ao meu lado para me ajudar a superar tudo isso. — Caleb não olha para mim quando diz “tudo isso”.

Nenhuma garota em seu juízo perfeito abriria mão de Caleb — exceto eu, é claro; mas eu nunca tive a pretensão de estar em meu juízo perfeito.

— Que tal se tomássemos um café? — ele perguntou. — Assim eu poderia contar a você toda a minha história triste.

Sinto um formigamento que começa em meus pés e avança pelo meu corpo. Se ele se lembrasse de alguma coisa sobre mim, essa conversa não estaria acontecendo. Era uma verdadeira loucura — o tipo de situação da qual eu poderia tirar ampla vantagem.

— Não posso. — Estou tão orgulhosa de mim mesma que até fico um pouco mais alta. Ele recebe minha resposta do mesmo modo que havia recebido todas as minhas negativas durante nossos anos de namoro: rindo como se eu não estivesse falando sério.

— Sim, você pode. Pense nisso como um favor que me faria.

Fico em silêncio, com a cabeça erguida, aguardando uma explicação.

— Eu preciso de alguns novos amigos. De boas influências.

Minha boca se abre e deixa escapar um demorado suspiro.

Caleb ergue uma sobrancelha.

— Eu não sou uma boa influência — respondo, piscando rapidamente.

Eu me apoio ora num pé ora no outro, distraíndo-me com um pote de cerejas ao marrasquino. Eu podia pegar o pote, jogá-lo na cabeça de Caleb e sair correndo, *ou* podia aceitar o convite e ir tomar café com ele. Não se tratava de sexo, não era um relacionamento; apenas seria um bate-papo amigável entre duas pessoas que para todos os efeitos não se conheciam.

— Está certo, vamos ao café. — Ouço o entusiasmo em minha própria voz e cerro os punhos. *Eu nunca vou aprender!*

— Ótimo. — Ele sorri.

— Há uma cafeteria a dois quarteirões daqui, do lado direito da rua. Posso encontrá-lo lá em trinta minutos — eu disse, calculando o tempo que levaria para chegar em casa e dar uma geral na aparência. *Diga que você não pode ir. Diga que tem outras coisas para fazer...*

— Trinta minutos — ele repete, olhando para os meus lábios. Eu os contraio para fazer charme e Caleb abaixa a cabeça para disfarçar um sorriso. Eu me viro e ando calmamente pelo corredor. Posso sentir os olhos dele em minhas costas e a sensação faz minha pele formigar.

Assim que saio de seu campo de visão, eu abandono meu carrinho de compras e corro para a frente do mercado. Minhas sandálias de dedo batem em meus calcanhares enquanto eu corro.

Chego em casa em tempo recorde. Rosebud, minha vizinha, está batendo em minha porta com uma cebola na mão. Se ela me encontrar, terei de ouvi-la falar sem parar, por duas horas, sobre seu querido Bertie

e sua luta contra a gota. Escondo-me nos arbustos. Quando ela se dá por vencida e vai embora, cinco minutos depois, minhas pernas estão dormentes devido ao tempo que fiquei agachada e preciso fazer xixi.

A primeira coisa que faço quando passo pela porta de casa é resgatar a foto de Caleb que eu tinha jogado no lixo. Sacudo-a para tirar algumas cascas de ovo de cima dela e a enfio numa gaveta da cozinha.

Em quinze minutos eu saio de casa e estou tão nervosa que preciso de um esforço de concentração para não tropeçar em minhas próprias pernas. O percurso de três quadras é torturante. Praguejo baixinho e por duas vezes quero desistir, dou meia-volta e sigo para casa. Quando chego ao local combinado, já devo ter ganho uma lesão na coluna de tanto girar de um lado para outro.

Em toda a cafeteria há paredes azul-escuras e padrões de mosaico. É intensa, depressiva e calorosa, tudo ao mesmo tempo. Há uma Starbucks a apenas três quarteirões daqui, mas esta cafeteria em que estou se destina a um público mais seleta — tipos com pretensões artísticas, pessoas mais intelectualizadas.

— Olá, Livia! — O jovem punk que trabalha no balcão acena para mim.

Sorrio para ele. Quando passo pelo quadro de avisos, alguma coisa chama a minha atenção. Uma cópia impressa do rosto de um homem está pregada entre os folhetos de propaganda. Eu me aproximo da imagem e começo a perceber que ela não me é estranha. Na parte inferior do rosto do homem, a palavra “PROCURADO” destaca-se em negrito. É o sujeito do Music Mushroom — o cara com o guarda-chuva!

**Dobson Scott Orchard, nascido em 7 de setembro de 1960.**

**Procurado por sequestro, estupro e assalto.**

**Traço marcante: sinal de nascença na testa.**

A mancha! É o sinal de nascença mencionado no cartaz. O que teria acontecido se eu tivesse ido com ele? Sacudo a cabeça, como se tentasse expulsar esse pensamento da mente e memorizo o número de telefone no pé da página. Se não tivesse visto Caleb naquele dia, eu poderia ter permitido que o criminoso me acompanhasse até meu carro.

Dobson desaparece de minha cabeça quando avisto Caleb.

Ele está esperando por mim em uma mesa pequena num canto mais ao fundo da cafeteria, olhando distraidamente para o tampo da mesa. Ele leva uma xícara até os lábios e esse gesto me traz à lembrança a imagem de Caleb fazendo a mesma coisa em meu apartamento, anos atrás. Meu coração acelera.

Ele me avista quando estou chegando perto dele.

— Olá. Pedi um café para você — Caleb disse, levantando-se. Seus olhos deslizam dos meus pés até meu rosto num rápido movimento. Sei me arrumar bem. Tiro um cacho de cabelo de cima de meus olhos e sorrio. Estou agitada; minhas mãos tremem. Quando ele estende uma mão na minha direção, eu hesito antes de erguer o braço para cumprimentá-lo.

— Caleb Drake — ele diz. — Eu gostaria de acreditar que costumo dizer às mulheres o meu nome antes de convidá-las para sair, mas a verdade é que não me lembro.

Nós forçamos um sorriso diante da péssima piada de Caleb e por alguns momentos permito que minha pequena mão fique toda encoberta pela dele. A sensação de tocar sua pele é tão familiar. Fecho meus olhos por um breve segundo e me deixo levar pelo absurdo da situação.

— Olivia Kaspen. Obrigada pelo café.

Nós nos sentamos desajeitadamente e eu começo a pôr açúcar em minha xícara. Olho para o rosto dele. Caleb costumava caçoar de mim a respeito do açúcar; dizia que eu adoçava tanto meu café que seus dentes chegavam a doer. Ele bebe chá quente, assim como fazem os ingleses. Eu achava esse hábito charmoso e distinto. Ainda acho, na verdade.

— O que você disse para a sua namorada? — pergunto, tomando um gole da bebida.

Começo a balançar o sapato para lá e para cá, num movimento que costumava irritá-lo quando estávamos juntos. Vejo seus olhos se voltarem na direção do meu pé e por um segundo penso que ele vai chamar minha atenção para que eu pare.

— Eu disse a ela que precisava de algum tempo para pensar. É uma coisa terrível para se dizer a uma mulher, não é?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Seja como for, ela desatou a chorar no instante em que me ouviu dizer essas palavras e eu não sei o que fazer.

— Sinto muito — minto.

Bem, parece que uma certa garota sardenta vai dormir essa noite de conchinha com a rejeição. Não poderia ser mais perfeito!

— Então... — eu digo. — Amnésia.

Caleb faz que sim com a cabeça e abaixa o olhar. Com o dedo, traça círculos imaginários na mesa.

— É isso mesmo. O nome é amnésia seletiva. Os médicos — oito deles — disseram-me que se trata de um problema temporário.

Avalio cuidadosamente a palavra “temporário”. Isso poderia significar que ter a companhia de Caleb seria tão temporário quanto tintura para cabelo ou quanto uma descarga de adrenalina. Decido seguir em frente e ver onde as coisas iam dar. Eu estou tomando café com um homem que até pouco tempo atrás me odiava; então, “temporário” não precisa ser uma palavra desagradável.

— Como isso aconteceu? — pergunto.

Caleb pigarreia e olha a nossa volta como se verificasse se alguém poderia nos ouvir.

— É uma questão muito pessoal? — Minha voz soa mais animada do que eu gostaria.

É estranho que ele hesite em me contar. Quando nós estávamos juntos, Caleb me contava tudo — até mesmo as coisas que a maioria dos homens tem vergonha de compartilhar com as namoradas. Eu ainda consigo interpretar suas expressões faciais, mesmo depois de tanto tempo, e percebo que é difícil para ele revelar os detalhes de sua amnésia.

— Não sei, Olivia. Talvez seja melhor começar com alguma coisa simples antes de lhe contar meus segredos. Como minha cor favorita, por exemplo.

Eu sorrio.

— E qual é sua cor favorita? Você se lembra disso?

Caleb balança a cabeça numa negativa. Nós dois rimos.

Eu suspiro e mexo com nervosismo em minha xícara de café. Na época em que começamos a namorar, eu perguntei a ele qual era a sua cor

favorita. Em vez de simplesmente me responder, ele insistiu para que eu entrasse no carro, dizendo que teria de me mostrar do que se tratava.

— Isso é ridículo. Preciso estudar para um exame — queixei-me na ocasião.

Ele dirigiu por vinte minutos, tocando num volume alto o rap terrível que gostava de ouvir, até chegarmos ao Aeroporto Internacional de Miami.

— É esta! — ele disse, apontando para as luzes que se estendiam pela pista de decolagem. — Esta é minha cor favorita.

— Esta é a cor azul — respondi. — E daí?

— Mas não é um azul qualquer: é azul-aeroporto — ele disse. — Nunca se esqueça disso.

Virei-me para a pista de decolagem e observei as luzes com atenção. Elas tinham uma cor impressionante; lembravam fogo quando queima até o ponto máximo e se torna azul. Onde eu encontraria uma blusa daquela cor?



Olho para Caleb agora e me ocorre que trago viva em minha memória a lembrança desse acontecimento, enquanto ele já não a tem mais. Qual seria a sensação de esquecer a sua cor favorita? Ou a garota que despedaçou seu coração?

O azul-aeroporto me assombra. Tornou-se uma marca para mim, a marca de nosso relacionamento desfeito e de meu fracasso em virar as costas e seguir com a vida. Filho da puta do azul-aeroporto.

— Sua cor favorita é o azul — eu digo —, e a minha é o vermelho. E agora que já somos bons amigos, você pode me contar o que aconteceu.

— Que seja então o azul — ele comenta sorrindo. — Foi um acidente de carro. Um colega e eu fizemos uma viagem de negócios a Scranton. Estava nevando muito e nós seguíamos a caminho de uma reunião. O carro derrapou na estrada e bateu contra uma árvore. Eu tive lesões sérias na cabeça... — Ele falava mecanicamente, como se a história o entediasse. Imagino que ele já tenha repetido a mesma coisa centenas de vezes.

Não preciso perguntar o que Caleb faz para ganhar a vida. Ele é um banqueiro de investimentos. Trabalha para a companhia de seu padrasto e é um homem rico.

— O que aconteceu com seu colega?

— Ele não sobreviveu. — Caleb deixa os ombros caírem tristemente.

Eu hesito e meus lábios se contraem. Não lido bem com questões de morte e não sou boa em encontrar palavras para oferecer como pêsames. Quando minha mãe morreu, as pessoas disseram coisas estúpidas e me deixaram zangada. Palavras bobas e irrelevantes: “Me desculpe”, quando ninguém tinha culpa do que acontecera; e “se houver alguma coisa que eu possa fazer...”, quando estava mais do que claro que nada podia ser feito. Assim, em vez de lançar palavras vazias, resolvo mudar de assunto.

— Você se lembra do acidente?

— Só me lembro de ter acordado depois que tudo aconteceu. Não me recordo de nada do que houve antes disso.

— Nem mesmo de seu nome?

Ele balança a cabeça indicando que não.

— A boa notícia é que os médicos afirmam que vou recuperar a memória. É apenas uma questão de tempo e é preciso ter paciência.

Para mim, porém, a boa notícia é que ele perdeu a memória. Caso contrário, nós não estaríamos conversando.

— Eu encontrei um anel de noivado em minha gaveta de meias — ele revelou sem aviso.

Essa confissão me apanha de surpresa e eu engasgo com o café.

— Desculpe-me. — Ele me dá alguns tapinhas nas costas e eu tusso, com os olhos marejados. — Eu realmente precisava dizer isso a alguém. Eu estava me preparando para pedi-la em casamento e agora nem mesmo sei quem ela é.

*Nossa... nossa!* Sinto-me como se alguém tivesse me ligado na eletricidade e me atirado numa banheira cheia d'água. Eu já sabia que Caleb havia seguido em frente com sua vida — espionei-o o suficiente para saber disso —, mas casamento? Só de pensar nessa possibilidade já me causa alergia.

— O que seus pais acham de sua condição? — pergunto, conduzindo a conversa para uma direção mais tolerável. A imagem de Leah num

vestido branco me dá vontade de rir. Ela combina mais com uma lingerie de piranha e um poste de pole dance.

— Minha mãe me olha como se eu a tivesse traído de alguma maneira. Meu pai sempre bate em meu ombro e diz: “Logo você voltará a ser como antes, amigão, tudo vai ficar bem, Caleb”.

Sua ótima imitação de seus pais me faz sorrir.

— Sei que parece egoísmo de minha parte, mas eu quero apenas que me deixem sozinho para que eu consiga descobrir as coisas. Você entende, Olivia?

Não, eu não entendo; de qualquer maneira, concordo com a cabeça.

— Eu fico me perguntando por que não consigo me lembrar. Se a minha vida era tão maravilhosa assim, como todo mundo insiste em me dizer, por que então nada disso me parece familiar?

Fico sem saber o que dizer. O Caleb que eu conhecia estava sempre no controle. Tinha elegância e sensibilidade, mas era legal demais para prestar atenção nisso. O Caleb que se encontra diante de mim agora está confuso, perdido e contando detalhes de sua vida a uma pessoa que ele julga ser uma total desconhecida. Sinto vontade de beijar seu rosto e aliviar a preocupação que o persegue. Em vez disso, fico sentada em minha cadeira, bem quieta, lutando contra o impulso de falar a ele sobre todas as coisas que nos dilaceraram.

— Mas e quanto a você, Olivia Kaspen? Qual é a sua história?

— Minha história? Ah... Bem, eu não tenho nenhuma. — Ele me pega desprevenida com essa pergunta. Minhas mãos começam a tremer.

— Ora, vamos lá. Eu estou contando tudo a você! — argumenta Caleb.

— Só o que você consegue se lembrar — observo. — Há quanto tempo você está com amnésia?

— Faz três meses.

— Bem, nos últimos três meses da minha vida eu não fiz outra coisa a não ser trabalhar e ler. Aí está a sua resposta.

— De alguma maneira, acho que você tem mais para contar sobre si mesma do que isso. — Ele examina meu rosto e eu tenho a impressão de que ele está elaborando uma história a partir do que vê.

Não me agrada que Caleb faça isso — tentar enxergar através de meus muros. Eu nunca fui boa em fingir para ele.



— Olhe, quando você recuperar a memória e puder revelar todos os seus segredos do passado, nós ficaremos uma noite inteira acordados e eu lhe contarei tudo sobre mim; para todos os efeitos, porém, até que essa ocasião chegue, nós dois estamos sofrendo de amnésia.

Caleb dá uma sonora gargalhada e eu escondo um sorriso de satisfação atrás de minha xícara de café.

— A princípio, essa proposta não me parece ruim — ele provoca.

— Ah, é mesmo? E por quê?

— Bem, porque você acaba de me dar permissão para vê-la de novo e, a partir de agora, eu vou esperar ansiosamente pela noite que passaremos juntos.

Eu enrubesço e decido que jamais contarei a verdade a ele. Mais cedo ou mais tarde ele irá se lembrar e essa farsa toda irá desmoronar a minha volta como um castelo de cartas ao vento. Por enquanto, eu o tenho de volta e vou me agarrar a essa situação até o último momento.

## CAPÍTULO 3

# PASSADO



**NO DIA EM QUE CONHECI CALEB DRAKE, O SOL ILUMINO**U o meu mundo com mais intensidade. Aconteceu durante a insuportável época do ano em que os exames finais se aproximam e o cansaço parece deixar os estudantes com os olhos fundos. Eu tinha acabado de sair de uma sessão de estudos na biblioteca e me deparei com um céu repleto de ameaçadoras nuvens de chuva. Aborrecida, caminhei com rapidez na direção de meu alojamento, praguejando por não ter levado um guarda-chuva comigo. Quando eu estava na metade do caminho, começou a choviscar. Busquei abrigo debaixo de um salgueiro e lancei um olhar zangado para os galhos da árvore, como se a culpasse pela chuva. Nesse momento ele passou por ali, todo arrogante, como se estivesse encantado com sua própria beleza.

— Por que está zangada com a árvore?

Fiz careta quando vi quem era. Ele riu e levantou as mãos, num gesto brincalhão de paz.

— Eu só fiz uma pergunta, luz do sol, não me ataque.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — respondi, olhando furiosa para ele.

Por um instante eu pensei ter visto uma sombra de dúvida passar pelo seu semblante, mas então essa impressão se foi e ele voltou a sorrir para mim.

— Eu fiquei me perguntando o que essa árvore fez para você fechar a cara — ele disse, repetindo o que já havia dito em sua abordagem inicial.

Não longe dali, atrás dele, avistei um grupo de idiotas que jogavam basquete e nos observavam de um jeito suspeito. Seguindo meu olhar, ele se voltou e deve ter fuzilado seus parceiros com os olhos, porque em segundos o grupo se dispersou. Ele, então, voltou a atenção para mim.

Ah, sim... Acho que esperava que eu respondesse a sua pergunta.

Olhei para o tronco da árvore, que lembrava massa de pão retorcida, e me dei conta da intensidade com que devia tê-lo fitado antes.

— Você está tentando me cantar?

— Caleb Drake — ele disparou, com uma voz meio estrangulada.

— Perdão... O que disse?

— Meu nome — ele explicou, oferecendo-me a mão.

O nome de Caleb Drake era conhecido no campus e eu não tinha intenção de me juntar ao seu fã-clube. Apertei sua mão com firmeza, para que ele entendesse sem sombra de dúvida que não me hipnotizaria.

— Sim, eu estava tentando cantá-la, até que você me deu um fora...

Eu ergui as sobrancelhas e forcei um sorriso. Certo, eu precisava ser rápida. Atletas tinham uma capacidade bastante limitada de manter a atenção.

— Escute, eu adoraria continuar alimentando o seu ego com essa conversinha mole, mas tenho que ir embora.

Comecei a andar e o deixei para trás, aliviada por ir ao encontro de um sorvete com creme de chantilly em minha geladeira.

A risada dele chegou aos meus ouvidos quando eu me aproximava do meio-fio. Fiquei constrangida, mas continuei andando.

— Se você fosse um animal, seria uma lhama — ele disse, referindo-se a mim.

Isso me fez parar. O bobalhão estava realmente me comparando a um bicho peludo?

— Por quê? — Continuei de costas para ele, mas a curiosidade foi mais forte.

— Procure no Google.

Isso estava mesmo acontecendo? Girei minha cabeça ao máximo, no melhor estilo "exorcista", e fitei-o furiosa. Ele parecia tão seguro de si.

— Vejo você por aí — ele disse, enfiando as mãos nos bolsos e se afastando na direção de seus amigos.

*E eu espero não ter o azar de voltar a vê-lo!*, pensei, bufando. Percorri todo o caminho até meu dormitório espumando de raiva. Antes que eu chegasse a tocar a maçaneta da porta, alguém a abriu com um puxão. Era a minha colega de quarto, uma caloura.

— Por que ele estava falando com você?

Ela era meiga, cheia de vida e loira. Por mais que eu quisesse odiá-la, não conseguia, porque ela era uma coisinha terrivelmente fofo.

— Ele estava recrutando membros para o seu fã-club. Dei ao cara o seu nome, Cam.

— Sem brincadeira, Olivia, o que foi que ele disse?

A garota me seguiu enquanto eu organizava meus livros sobre a mesa. Tentei ignorá-la, mas ela começou a sacudir um pacote de M&Ms bem ao lado da minha cabeça.

— Ele estava apenas se exibindo para os amigos, mais nada. Não aconteceu nada, pode acreditar!

Ela me deixou passar. Eu estava indo direto para o meu sorvete com creme, preparando-me para atacá-lo sem dó, quando ela entrou na minha frente.

— Você é tão... difícil!

— Difícil? — Coloquei as mãos nos quadris, com impaciência. — Está dizendo que sou complicada ou que sou estúpida? — Olhei com ansiedade para a geladeira logo atrás de Cam.

— Caleb Drake não vai atrás das meninas, as meninas é que vão atrás de Caleb Drake. Quando ele enfim abandona sua zona de conforto para conversar com você... você o manda pastar!

— Ele não está interessado em mim — eu disse, suspirando. — Está só se exibindo.

— Certo, digamos que Caleb esteja se mostrando. Quem liga? Ele tem esse direito. Ele é lindo!

Abri a boca e fingi que estava vomitando.

— Olivia — ela insistiu solenemente. — A vida não se resume apenas aos livros e aos estudos! — Ela empurrou meus livros da mesa para

ilustrar seu ponto. — Garotos são... eles podem... fazer coisas — concluiu, com um gesto de cabeça.

— Você — eu disse, cutucando-a nas costelas —, você é uma piranha. Recolhi um livro do chão e comecei a lê-lo.

— O-li-vi-a!

Fechei os olhos com força. Eu odiava quando ela dizia meu nome assim.

— Hummmm?

Cam arrancou o livro de minhas mãos.

— Ouça bem o que vou dizer, sua puritana ingrata. — Ela agarrou meu queixo em uma mão e o puxou até que eu a encarasse. — Caleb vai falar com você de novo, só porque você o rejeitou. Ele meio que gosta disso. Bem, quando isso acontecer — ela tampou minha boca com a mão para que eu não protestasse —, você irá conversar com ele, e flertar também. Fui clara?

Eu balancei os ombros.

— Aaargh! — Cam deu um grito e foi se trancar no banheiro.

Eu não ligava a mínima para o fascínio que esse cara exercia sobre as fêmeas do campus. Caleb Drake não significava nada para mim. Aliás, *nunca* significaria coisa alguma para mim. Eu era à prova de azaração barata. E ponto-final.

No fim das contas, Cam teria razão. Ainda naquela semana, depois de um dia inteiro de estudos que me deixou cansada, ela me infernizou para que eu a acompanhasse a um jogo de basquete.

— Vou comprar chocolate quente para você.

— Com creme de chantilly?

— Até com nuvens de creme, se você andar mais depressa!

Dez minutos mais tarde, eu estava sentada nas arquibancadas da quadra, bebericando chocolate quente com chantilly num copo de isopor. Cam me ignorava e eu estava quase me arrependendo de ter tomado a decisão de ir ao jogo. Caleb Drake pulava e girava na quadra como uma bateadeira de ovos. Falando francamente, observá-lo enquanto ele jogava estava me deixando zonza.

No intervalo do jogo, levantei-me para ir ao banheiro. Eu estava tentando abrir caminho entre as pessoas quando o presidente do grêmio estudantil entrou na quadra e ergueu as mãos, pedindo silêncio.

— Laura Hilberson, uma de nossas estudantes, não aparece em seu dormitório há mais de cinco dias — disse ele ao microfone. Parei para escutar. — Seus pais, bem como a equipe do grêmio, solicitam encarecidamente que as pessoas que tiverem alguma informação sobre ela se apresentem com urgência. Obrigado, pessoal, e aproveitem o resto do jogo.

Em meu primeiro ano na faculdade, eu assisti a algumas aulas com Laura. Estudantes de faculdade às vezes gostam de desaparecer por alguns dias para escapar um pouco de toda a pressão. Ela, provavelmente, estava escondida na casa de amigos em algum lugar, comendo chocolate e falando mal dos professores. As pessoas viviam fazendo drama sem motivo nenhum.

— Ela namorou Caleb Drake quando estava no primeiro ano — sussurrou Cammie. — Eu me pergunto se ele será capaz de se concentrar no resto do jogo agora.

Olhei para Caleb, que estava sentado no banco de reservas, bebendo água de uma garrafa. Ele parecia tranquilo. Que idiota. Quando faltava um minuto para o fim da partida, o time adversário conseguiu empatar com os Cougars: 72 a 72. Eu não saberia disso se Cammie não me dissesse, já que eu havia passado os últimos vinte minutos catando bolinhas de algodão em meu suéter.

Posicionado na linha de lance livre, Caleb Drake preparava-se para o arremesso mais importante da noite. Ele parecia calmo, como se já soubesse que conseguiria acertar. Pela primeira vez naquela noite, o ginásio estava estranhamente silencioso. Intrigada, eu deixei de lado minhas bolinhas de algodão e me endireitei no assento para observar os acontecimentos na quadra. Queria que ele tivesse sucesso no lance. Odeio admitir isso, mas eu queria. Pela primeira vez eu compreendi por que Caleb despertava tanto interesse por onde passava. Ele era como o jalapeño, uma espécie de pimenta mexicana brilhante e lisa, mas perigosamente ardida. Uma pequena parte de mim queria mordê-lo.

Eu me virei para Cammie, que estava com os olhos arregalados pela expectativa. Ali, naquele momento, nada era mais importante. Meu olhar deslizou de volta para a quadra. Levei um susto: Caleb me observava. Todos os estudantes o observavam e ele me encarava. Antes que o juiz

pudesse apitar, Caleb enfiou a bola debaixo do braço e caminhou na direção de seu treinador.

— O que está acontecendo? O que está havendo? — Cam saltitava sem parar, num pé e no outro.

Alguma coisa estava errada. Inquieta, eu não parava de me mexer em meu lugar, cruzando e descruzando as pernas. Caleb entregou a bola ao seu treinador. De uma hora para a outra, eu me senti como se estivesse sentada em uma sauna.

— Ele está subindo as escadas, Olivia! E está vindo para cá! — Cammie gritou.

Eu me afundei em meu assento. Isso não podia ser verdade! Caleb vinha bem em minha direção! Fingi estar ocupada vasculhando minha bolsa em busca de alguma coisa. Quando ele parou bem ao meu lado, olhei para cima, surpresa.

— Olivia — ele disse, inclinando-se para me encarar. — Olivia Kaspen.

Minha colega de quarto me fitou totalmente pasma e uma multidão de cabeças se voltou para nos observar.

— Parabéns, você descobriu meu nome! — eu disse e, abaixando o tom de voz, continuei: — Que diabos você está fazendo?

Ele ignorou minha pergunta.

— Você é um enigma e tanto aqui no campus, Olivia. — A voz dele era áspera; o tipo de voz que causa arrepios quando é sussurrada ao ouvido de alguém.

Fechei a cara e fiz o possível para parecer irritada.

— Você pretende me dizer algo, em algum momento, ou está retardando o jogo para se gabar de suas habilidades de detetive?

Ele riu, abaixou a cabeça, e então voltou a me encarar.

— Se eu acertar esse arremesso, você sai comigo? — Seu olhar se movia dos meus lábios para os meus olhos continuamente.

Senti meu rosto tomado pelo rubor e logo abaixei a cabeça. Eu não gostava do modo como ele me fitava. Era como se ele já estivesse planejando nosso primeiro beijo, avaliando meus lábios. Sacudi a cabeça. Era ridículo. Ele estava fazendo cena por causa de seu ego ferido e eu não dava a mínima para a droga do arremesso.

— Se você fosse um animal — eu disse, erguendo as sobrancelhas —, sabe qual você seria?

Um momento de hesitação passou pelo rosto dele. Depois de nosso rápido encontro sob a chuva, eu fiz uma busca pela palavra “lhama” no Google. Aparentemente, os lhamas eram bastante rudes; cuspir, chutar e dar coices eram atitudes comuns em seu convívio social.

— Bem, você seria um pavão.

Ele deu uma risadinha forçada.

— Você levou a semana inteira para inventar isso, não é? — ele respondeu, e voltou a olhar para os meus lábios.

— Pode acreditar que sim — eu disse, erguendo as sobrancelhas.

— Então, é correto dizer que você pensou em mim durante a semana inteira?

Agora foi a minha vez de estampar a hesitação no rosto. Que droga! Eu estava me saindo tão bem...

— Não mesmo... E quer saber? Eu não vou sair com você.

Recostei-me em minha cadeira e decidi olhar para o placar. Se eu ignorasse Caleb, talvez ele fosse embora. O sistema de som do ginásio tocava Black Eyed Peas bem alto. Comecei a marcar o ritmo da música com os pés.

— Por que não? — ele perguntou, e parecia agitado. Eu gostei disso.

— Porque eu sou um lhama e você é um pássaro e nós não somos compatíveis.

A curiosidade das pessoas presentes no ginásio era crescente; elas se levantavam para conferir o que estava acontecendo. Comecei a ficar nervosa.

— Certo — ele disse sem rodeios. — Então, o que terei de fazer?

Ele estava agachado, e tão perto de mim que eu podia sentir seu hálito em meu rosto. Parecia menta. Segurei a respiração e tentei acalmar meu coração acelerado.

E então pensei em algo genial:

— Erre o arremesso.

Ele ergueu a cabeça. Eu me inclinei para mais perto dele, com expressão séria. Falei mais devagar dessa vez, para que não houvesse confusão.



— Erre o arremesso e eu sairei com você.

Eu vi a gentileza abandonar completamente os olhos dele. Pedir a um pavão que tire fora as suas penas é uma coisa difícil de se fazer.

Ele se ergueu rápido, muito rápido, e voltou para a quadra, descendo as escadas de dois em dois degraus. Eu me acomodei em meu assento com um sorriso orgulhoso no rosto. Aposto que ele não esperava por isso. O grande astro se deu mal. Bobalhão.

Cam olhava ora para mim, ora para Caleb. Havia uma espécie de temor no semblante dela. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu levantei um dedo para silenciá-la. Não era hora para sermões.

— Guarde para você, Camadora — avisei.

Concentrei toda a minha atenção na figura de pé que se preparava para o arremesso. Ele já não se mostrava tão seguro de si quanto parecia alguns minutos atrás.

O juiz apitou, Caleb ergueu os braços segurando negligentemente a bola nas mãos. Tentei imaginar o que se passava pela sua cabeça. Ele na certa não iria mais querer saber de mim. Era provável que sentisse até raiva porque tive a audácia de... Eu me distraí e perdi a linha de pensamento. O momento decisivo se aproximava.

Os músculos de seu braço se contraíram quando a bola saiu girando de suas mãos e voou na direção da cesta. Nesses poucos segundos, foi possível perceber que havia algo de estranho na situação. E então aconteceu: a bola passou a meio metro de distância do cesto e bateu no chão com um baque deprimente. Observei horrorizada a confusão começar de repente no ginásio.

— Não, não, não, não — sussurrei. — Como ele pôde fazer isso? Por que ele faria isso? Mas que grande idiota!

— Olivia, vou fingir que não ouvi nada disso — disse Cam asperamente, agarrando-me pelo pulso. — Nós temos de ir embora daqui antes que alguém mate você.

Enquanto ela me puxava em meio à multidão, voltei os olhos para a quadra uma última vez, a fim de ver o que estava acontecendo. Caleb já havia desaparecido.

Não tive nenhuma notícia dele por mais de uma semana. A culpa começava a penetrar meus ossos pretensiosos, causando-me uma dor

profunda e aguda. Eu não queria admitir que Caleb Drake havia me surpreendido e se humilhado. Alguém como ele não poderia surpreender alguém como eu... Não é?

De certo modo, a notícia de que ele tinha sabotado o jogo por causa de uma garota havia se espalhado por todo o campus. Levando-se em conta que era comigo que ele estava conversando minutos antes de seu fracasso, eu era a principal suspeita. Garotas sussurravam quando me viam e os integrantes do time de basquete passaram a me lançar olhares zangados e ameaçadores.

— Ela nem é tão bonita assim — escutei uma líder de torcida dizer a outra. — Se ele queria tanto sabotar sua carreira como jogador de basquete, pelo menos poderia ter escolhido uma garota mais gostosa.

Envergonhada, eu abaixei a cabeça e desapareci dentro da biblioteca. Ora, eu nem fazia ideia de que haveria olheiros naquele jogo. Como iria saber disso? Meu conhecimento sobre esportes era quase nenhum; saber distinguir uma bola de futebol de uma bola de basquete já era o suficiente para mim. De qualquer maneira, quem teria imaginado que ele pudesse fazer o que fez?

Durante as manhãs, eu vinha gastando um pouco mais de tempo diante do espelho, aplicando maquiagem e enrolando o cabelo. Já que eu havia me tornado o centro das atenções, por que não tentar ser uma gostosa bem produzida?

Eu era bonita demais para ser comum, e os traços do meu rosto eram arredondados demais para serem exóticos. Os homens me evitavam. Cammie me dissera certa vez que havia em meus olhos um tipo de ferocidade que espantava as pessoas. Caleb Drake, porém, não se espantara. Ele havia errado a cesta de propósito. Ele jogara meu jogo e eu havia perdido.

— Olivia, chegou uma... hummm... entrega para você — chamou Cam através da porta do banheiro, certa noite.

Quando saí do banheiro, vi uma caixa sobre a minha cama impecavelmente arrumada. No mesmo instante eu retirei o objeto de cima dela e alisei o local onde ele havia sido deixado. Cam ergueu as duas mãos para o alto numa atitude de súplica e desabou sobre a sua cama, que ela não arrumava fazia uma semana.

— Não vai abrir essa coisa, Olivia? Foi entregue pessoalmente por aquele cara sinistro da agência de correio do campus. Ele até tentou cheirar meu cabelo quando me deu a caixa.

— Ele tem rinite alérgica — eu disse, apanhando a tesoura. — Não fique se gabando.

Abri a caixa e olhei dentro dela. Levei alguns instantes para identificar o que havia ali.

— É uma bola de basquete vazia — anunciei, erguendo-a para mostrá-la.

Havia um envelope preso a ela. Cammie se sentou, e seus olhos se arregalaram de espanto.

— Não, gênio! Esta é a bola de basquete *daquele jogo!*

Eu engoli em seco quando li o bilhete:

*Olivia,*

*Chegou a hora de cumprir o trato. Encontre-me na biblioteca em dez minutos.*

*Caleb*

— Inacreditável! — eu disse, segurando a bola na mão. — Nem mesmo pediu por favor! Ele praticamente me mandou seguir suas ordens e ir encontrá-lo!

— E você irá. — Cammie se levantou e pôs as mãos nos quadris.

Estalei os lábios com aborrecimento e balancei a cabeça numa negativa veemente.

— OLIVIA! Você arruinou o jogo mais importante da temporada para Caleb! Você *deve* isso a ele.

É, talvez devesse mesmo.

— Está bem. **ESTÁ BEM!** — gritei no mesmo tom que ela. Peguei um agasalho com capuz em meu armário e o vesti por cima da cabeça, puxando-o com raiva. — Mas depois disso, chega, entendeu? — ralhei, com o dedo indicador apontado para Cam. — Vou encontrá-lo na biblioteca e depois não quero ouvir mais nada a respeito disso... Você, ele e

aquele pelotão de líderes de torcida não vão me dizer mais uma palavra sobre esse assunto!

Cammie sorriu, satisfeita.

— Certifique-se de guardar todos os detalhes, Olivia, e tente mencionar o meu nome.

Saí batendo a porta do apartamento.

Eram nove e meia da noite de uma quinta-feira e a Biblioteca Dart estava praticamente vazia. Uma mulher sisuda encontrava-se atrás do balcão de atendimento, olhando com desgosto para dois calouros que namoravam. Passei por um retrato de Laura Hilberson na parede, com dados de contato das autoridades; quem tivesse informações sobre Laura deveria entrar em contato o quanto antes. Ela era linda e tinha um jeito sexy — loira, com muita maquiagem, e lábios carnudos. Fazia já dezesseis dias que a garota desaparecera, e Nancy Grace — minha heroína — estava cobrindo a história dela.

Já que eu havia chegado antes da hora, decidi dar uma volta pela seção de ficção para ver se havia algum livro que valesse a pena conferir.

Alguns minutos mais tarde, Caleb me encontrou ali.

Ele caminhou com uma confiança tão ridícula em minha direção que eu desejei esticar o pé na frente dele para fazê-lo tropeçar.

— Olá, Olivia.

— Caleb — respondi, acenando de maneira rude com a cabeça.

Ele usava uma jaqueta de marinheiro preta sobre um suéter de cor creme que parecia caro. Senti um ligeiro sobressalto no coração. Depois de controlar e aquietar o meu coração, eu o encarei. Ele enfiou casualmente as mãos nos bolsos de sua calça de veludo. Eu esperava que ele aparecesse vestindo uma daquelas jaquetas de basquete idiotas e jeans encardidos.

— Por que você está tão bem vestido? — disparei, depositando um romance sobre a crescente pilha de livros na mesa.

— Como você consegue encontrar tempo para ler? — ele perguntou, pegando o livro e examinando a capa.

Eu não iria contar a Caleb que não tinha vida social e que passava os fins de semana lendo. Fuzilei-o com os olhos, esperando que ele mudasse

de assunto. O estúpido jogador, provavelmente, nunca havia lido um livro do início ao fim. Eu ia dizer-lhe isso, mas antes que eu pudesse fazê-lo ele desceu por um corredor próximo e quando voltou trouxe um volumoso romance na mão.

— Tente este. É o meu livro favorito.

Olhei para o volume com cautela antes de pegá-lo de sua mão.

*Grandes Esperanças*. Eu nunca havia lido aquele livro.

— Isso é alguma brincadeira?

Ele deu uma risada.

— Você pensa que eu sou ignorante só porque jogo basquete?

Torci o nariz. Sim, era exatamente o que eu pensava.

— Por que me convidou para vir aqui? — perguntei.

— Bem, achei que você se sentiria mais tranquila se me encontrasse *aqui*. — Ele se sentou na ponta da mesa. — Pensou que eu não fosse reclamar a minha parte na aposta?

Eu percebi um sotaque em sua fala pela primeira vez. *Inglês*, eu pensei, mas não tive certeza absoluta. Fosse o que fosse, exercia em mim o mesmo efeito que vodca.

— Eu lhe pedi que errasse o arremesso. Não disse que sairia com você se fizesse isso.

— Ah, é mesmo? Engraçado, não consigo me lembrar direito disso.

— Ele franziu as sobrancelhas e curvou a cabeça para o lado, fingindo estar confuso.

Eu era a única pessoa autorizada a ser sarcástica ali!

— Você sairá comigo, sim, Olivia, porque *estava errada* a meu respeito, por mais que odeie admitir.

Abri a boca, apenas para fechá-la em seguida. Minha esperteza! Onde estava minha esperteza?

— E-eu... hã...

— Nada disso — ele me interrompeu. — Nada de desculpas. Vou levar você para sair.

— Tudo bem. — Fechei os olhos e respirei fundo. — Trato é trato.

Cammie ia me amar por isso. Ela ia me amar!

— Quarta-feira, às oito da noite.

Caleb ficou de pé. Como era alto! Eu dei um passo para trás. Ele começou a caminhar para a saída, mas, então, parou.

— Olívia?

— O quê? — eu disse secamente.

— Eu vou beijar você. Só queria que soubesse.

Ouvi sua risada ecoar pela biblioteca quando ele se foi. Nem morta eu deixaria que isso acontecesse! Por que ele tinha de ser tão bonito? E por que meu nome soava tão bem quando ele o dizia?

Peguei meus livros e também fui para a saída.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
A LIS GRÁFICA EM MARÇO DE 2016